

Valor Econômico, 25 de outubro de 2021

Jovens, geração sacrificada na pandemia

Por: João Saboia e François Roubaud

A Covid-19 atingiu fortemente a economia mundial. O Brasil não fugiu à regra. Iniciada aqui em março de 2020, a pandemia trouxe efeitos econômicos imediatos tanto para o mercado de trabalho quanto para a economia como um todo que encolheu 4,1% no ano passado.

O isolamento social tirou muita gente do mercado de trabalho, especialmente aqueles que atuavam no setor informal e que ficaram impossibilitados de se movimentarem com o isolamento social. Entre o último trimestre de 2019 e terceiro de 2020 a população ocupada caiu de 94,6 para 84,5 milhões. A população subutilizada – que inclui desocupados, subocupados e a força de trabalho potencial - passou de 26,2 para 33,2 milhões de pessoas.

Com o início da vacinação, a economia e o mercado de trabalho se recuperaram parcialmente. A expectativa dos especialistas é um crescimento econômico da ordem de 5% em 2021. Se cumprida, representará um crescimento de menos de 1% em dois anos. O mercado de trabalho vem se recuperando lentamente. Segundo a PNADC do IBGE, no segundo trimestre deste ano, a população ocupada atingia 87,8 milhões, ainda muito abaixo do total de ocupados antes da pandemia. A população subutilizada permanecia em nível elevadíssimo (32,2 milhões).

O crescimento da população ocupada em 2021 tem se dado principalmente através da geração de postos de trabalho informais (trabalhadores por conta

própria sem CNPS e empregados e trabalhadores domésticos sem carteira assinada) e, em menor escala, pelo emprego formal com carteira assinada. Tais dados reforçam a ideia de uma precarização no mercado de trabalho hoje bem maior do que antes da pandemia.

Se a população em geral está sofrendo grandes dificuldades no mercado de trabalho, a situação dos jovens é ainda pior. Mesmo em períodos “normais” os jovens costumam enfrentar maiores dificuldades. As razões são diversas, desde sua menor experiência profissional; do fato de estarem num momento de sua vida em que estão procurando ativamente entrar no mercado, sujeitos, portanto, a maiores taxas de desemprego; do possível abandono precoce da escola pressionados pela necessidade de complementação da renda familiar; e, no caso das jovens, por estarem em período de reprodução, sendo muitas vezes discriminadas pelos empregadores.

Para efeito de ilustração da situação dos jovens durante a pandemia vamos considerar a faixa de 18/24 anos. Trata-se de um período da vida em que boa parte deles ainda está estudando e ao mesmo tempo buscando o mercado de trabalho. Eles representavam no último trimestre de 2019 11,7 milhões de pessoas ocupadas, caindo para 9 milhões no terceiro trimestre de 2020 e 10,2 milhões no segundo trimestre de 2021.

Comparativamente à população adulta de 30 anos ou mais, a situação dos jovens de 18/24 anos no mercado de trabalho é muito mais precária qualquer que seja a estatística utilizada. A informalidade atinge com muito mais intensidade os mais jovens. Além disso, a queda no número de ocupados jovens durante a pandemia foi bem mais elevada e a recuperação em 2021 tem se baseado em empregos

informais. Por outro lado, seu nível de remuneração é bem menor e caiu mais que o dos demais trabalhadores.

Uma outra questão muito discutida e que também se destaca é a taxa de desemprego dos jovens bem mais elevada do que a da população em geral. No terceiro trimestre de 2020 ela atingia 31,4% e no segundo trimestre de 2021 ainda permanecia em níveis muito altos (29,5%), três vezes maior que a daqueles com 30 anos ou mais (10%). A população subutilizada de jovens na faixa 18/24 anos no segundo trimestre de 2021 atingia 7,6 milhões de pessoas, sendo composta por 4,2 milhões de desocupados, 2,2 milhões na força de trabalho potencial, dos quais 1,3 milhão de desalentados-, e 1,1 milhão de subocupados por insuficiência de horas trabalhadas.

Também muito importante para a população jovem é o elevado número daqueles considerados nem-nem. i.e., que não estudam nem trabalham. Esse é um problema antigo no Brasil, mas que se acentuou durante a pandemia. Ao mesmo tempo em que diminuía o número de jovens ocupados, crescia o volume dos nem-nem. Entre o quarto trimestre de 2019 e o terceiro de 2020, os nem-nem de 18/24 anos passaram de 6,4 milhões para 7,3 milhões. Com a recuperação da economia, caiu para 6,7 milhões no segundo trimestre de 2021, ainda acima do nível inicial. Como a população de jovens nessa faixa etária é de 21,4 milhões, tais dados mostram que quase um terço desses jovens são nem-nem, o que além de indicar uma situação extremamente preocupante no presente, representa um importante passivo para o país no futuro.

Para enfrentar as dificuldades enfrentadas pelos jovens brasileiros no mercado de trabalho as propostas do governo vão sempre em direção à busca de maior

flexibilidade e redução de direitos trabalhistas. Muito pouco tem sido voltado para medidas estruturais destinadas a uma melhor formação dos jovens anterior à sua entrada no mercado de trabalho.

Um exemplo disso é a proposta do Programa Primeira Oportunidade e Reinserção no Emprego (PRIORE), voltado principalmente para jovens de 18/29 anos com redução do FGTS. Outro, o Regime Especial de Trabalho Incentivado, Qualificação e Inclusão Produtiva (REQUIP)), modalidade de trabalho para jovens na faixa 18/29 anos, sem carteira assinada, sem direitos trabalhistas e previdenciários, apenas com recebimento de bolsa e vale-transporte, representando um grande retrocesso comparativamente ao atual Programa Jovem Aprendiz.

Do ponto de vista macro, o enorme contingente de desocupados, subocupados, desalentados e subutilizados em geral, somado ao grande número de jovens nem-nem, mostra uma face do que o país está desperdiçando frente ao seu enorme potencial produtivo. Do ponto de vista micro, a situação catastrófica dos jovens é não apenas um problema atual, mas possui também efeitos de longo prazo devastadores reduzindo a empregabilidade desta geração sacrificada. É lamentável que as forças políticas não consigam se entender para dar ao país um novo rumo que permita incorporar toda sua população no esforço necessário para superar as atuais dificuldades econômicas e sociais.

João Saboia é professor emérito do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ). François Roubaud é pesquisador sênior do Institut de Recherche pour le Développement (IRD) de Paris e pesquisador visitante do IE/UFRJ.

Link para a matéria original:

<https://valor.globo.com/opinioao/coluna/jovens-geracao-sacrificada-na-pandemia.ghtml>